



Balta Lelija

## 4 de junho de 2026 Santa Joana d'Arc “A coroação do rei em Reims”

Uma vez libertada a cidade de Orléans do cerco, Joana tinha urgência em cumprir a sua segunda predição: levar o rei a Reims para a sua coroação. Suas vozes lhe haviam dado a entender que não dispunha de muito tempo para cumprir sua missão e que era preciso aproveitar o momento oportuno.

O conde de Dunois relata:

*«Após a libertação de Orléans, Joana e eu, junto com alguns outros, nos apresentamos ao rei, que se encontrava no castelo de Loches, para pedir-lhe novas tropas a fim de reconquistar as fortalezas e cidades situadas às margens do Loire, especialmente Meung, Beaugency e Jargeau, de modo que no futuro ele pudesse operar com maior segurança e avançar sem obstáculos até Reims, onde se realizaria a sua coroação. Joana pressionou o rei, de forma suplicante e insistente, para que se apressasse e o advertia a não vacilar. A partir daquele momento, o rei agiu com a maior diligência possível e enviou o duque de Alençon, outros chefes militares e a mim — junto com Joana — para reconquistarmos aquelas cidades e castelos. E, de fato, eles voltaram a ficar sob o domínio do rei graças à ajuda de Joana, na minha opinião».*

No entanto, Joana teve que se impor repetidas vezes diante de outros pontos de vista sobre como deveria prosseguir a estratégia da guerra. Nesta etapa de sua missão, ela sempre o conseguiu. Insistiu repetidamente com o rei para que não demorasse tanto em deliberações. Ele a obedeceu, e assim o caminho ficou livre para avançar rumo à sua coroação em Reims.

Quanto à forma de travar a guerra, na qual Joana teve uma influência decisiva, cabe notar o seguinte: antes de atacar os ingleses, a Donzela enviava cartas ao rei da Inglaterra e aos seus comandantes, bem como aos borgonheses que estavam aliados a eles. Nessas missivas, ela lhes oferecia a oportunidade de se retirarem em liberdade caso se rendessem. Não tolerava que os soldados franceses cometessem crueldades nem que, por exemplo, se apropriassem de bens eclesiásticos quando reconquistavam vilas e cidades para o rei da França. Também protegeu os sacerdotes que haviam exercido seu ministério nas cidades ocupadas pelos ingleses. Em geral, demonstrava grande misericórdia para com os inimigos e preocupava-se especialmente com a salvação de suas almas.

Podemos afirmar com certeza que Joana travou uma «guerra justa» e que toda a sua intervenção na situação desesperadora da França foi realizada por mandato divino. Ela repetia uma e outra vez que, se não fosse pelo fato de lhe ter sido confiada essa missão, teria retornado de bom grado para junto de sua família. Continuava sendo uma jovem muito sensível — lembremos que na época ela tinha apenas dezessete anos — que não

queria ver sangue e se sentia profundamente ferida quando os ingleses a insultavam.

Contudo, em suas decisões e em tudo relacionado à guerra, demonstrou uma segurança e um senso prático que surpreenderam até mesmo os experientes comandantes das diferentes tropas. Enquanto se fazia o que Joana dizia, suas profecias se cumpriam ao pé da letra. A intervenção de Deus por meio dela constitui um exemplo brilhante na história de como se pôde reverter a situação desoladora de uma nação graças à colaboração entre o rei e a Igreja sob a orientação de uma mensageira enviada por Deus.

Joana pediu a Carlos VII que submetesse seu reinado ao Rei do Céu e que agisse como seu servo, e ele o fez seguindo o conselho da Donzela.

Finalmente, em 17 de julho de 1429, o rei foi coroado em Reims na presença de Joana, que trazia consigo o seu estandarte. Foi um momento crucial para França e para a Donzela de Orléans. Tornou-se realidade diante de seus olhos o que Deus lhe havia prometido e encarregado de realizar.

Nas crônicas do *Moronis Journal*, um diário que resumia os acontecimentos daquela época, o evento é relatado assim: «*Os franceses chegaram a Reims, onde se coroavam os reis da França. No sábado, 16 de julho, chegou o delfim e as portas da cidade se abriram para ele sem resistência. No domingo, 17 de julho, foi coroado com grande pompa*».

Nesse mesmo dia, Joana mandou escrever a seguinte carta ao príncipe borgonhês Filipe, o Bom, que não havia respondido nem ao seu convite nem ao do primo do rei:

«*Nobre e venerável príncipe, duque da Borgonha: a Virgem vos roga, em nome do Rei dos Céus, meu legítimo e soberano rei, que o rei da França e vós seleis uma paz boa e estável que dure por muito tempo. Perdoai-vos mutuamente de todo o coração, como cristãos crentes [...]. Suplico-vos que não luteis contra nós. Por mais tropas que mobilizéis contra nós, nunca vencereis! A batalha causará grandes danos e o sangue daqueles que lutarem contra nós será derramado*».

No entanto, após a coroação de Carlos VII, ocorreu uma reviravolta nos acontecimentos sobre a qual Joana já não pôde exercer uma influência decisiva. Iniciaram-se negociações entre o rei e os enviados do duque da Borgonha, das quais Joana foi deliberadamente excluída. Como consequência, o ímpeto do exército real foi freado e os borgonheses fizeram falsas promessas com o único propósito de ganhar tempo. A traição que Joana temia havia começado.